



5703 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPED (2019)
 GT16 - Educação e Comunicação

CONVERGÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS E USOS DE DISPOSITIVOS TECNOLÓGICOS POR ESTUDANTES
 Luciana Velloso - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Convergências contemporâneas e usos de dispositivos tecnológicos por estudantes

Tecladas e cliques iniciais

Cada vez mais os alunos e alunas de diferentes instituições educacionais têm se utilizado de tecnologias, sobretudo digitais, para entrar em contato com o mundo. O mundo de fato parece caber em nossas mãos, expressando o que Jenkins (2009) anunciava ao tratar da suposta cultura da convergência, quando mídias tradicionais como nossas antigas lousas, coexistem no mesmo espaço com as mídias atuais, mais participativas e supostamente interativas, como *tablets*, iPhones, netbooks, pendrives, dentre outros dispositivos que tendem cada vez mais a convergir para um só com diversas possibilidades.

Com esses dispositivos, é possível acessar, interagir, produzir, publicar em diferentes tempos e lugares, criando-se um contexto de "comunicação ubíqua", que se dá em toda parte (PRIMO, 2008, p. 61) e abre o fluxo comunicacional em todas as direções, com a possibilidade de qualquer pessoa, em qualquer lugar, poder participar e trabalhar. A relação perto e longe se esgarça, pois a participação e a colaboração independem dos contatos físicos, sendo descentrada e desterritorializada (BONILLA e PRETTO, 2015).

A partir da ótica de alunos e alunas da Faculdade de Educação de um Curso de Pedagogia de Universidade Estadual do Rio de Janeiro, esta pesquisa se propõe a investigar como estes discentes avaliam seus usos e apropriações de dispositivos tecnológicos. O texto que aqui se apresenta traz alguns dados da pesquisa, ainda em seus passos iniciais tendo como objetivo analisar como se dão as relações de estudantes de Pedagogia com as tecnologias digitais, seus níveis de capital de rede, possibilidades de mobilidade e como utilizam esse capital em seus processos de aprendizagem, ao longo de sua formação universitária.

Não desconsidero as mediações e interações que se constituem para além de nossas salas de aula, que conectam nossos discentes através dos dispositivos tecnológicos digitais, buscando entender até que ponto interferem e modificam nossas relações de ensino e aprendizado, não mais restritas a espaços físicos, mas que transcendem e até mesmo extrapolam os limites geográficos, territoriais e temporais. Para além desta aparente intensa conexão, preocupa-me atentar para parcela do alunado que não se insere nesta lógica, aqueles que não possuem acesso a estas redes e acabam sendo excluídos das tribos que se organizam via tecnologias.

Apesar de entender que existem diferentes formas pelas quais os/as discentes acessam os dispositivos tecnológicos para suas atividades acadêmicas e extra-acadêmicas, muitos/as ainda se sentem "excluídos no interior", nos dizeres de Pierre Bourdieu e Patrick Champagne (1998), por não disporem de um suposto "capital de rede" ao qual se referem Elliot e Urry (2010).

Trata-se de uma pesquisa que visa identificar e analisar o nível ou grau de capital de rede discente, no que diz respeito a tarefas da vida acadêmica, tendo como parâmetro modos de uso (como e para quê utilizam essas tecnologias em seu processo de formação) e habilidades de uso (facilidade ou dificuldade para utilizar tecnologias digitais para os estudos); observar como os/as alunos/as estão lidando com as demandas de que apresentem trabalhos feitos com o uso das novas tecnologias, quando muitas vezes seus acessos são limitados; analisar a percepção dos discentes quanto à relação entre o uso de aparelhos móveis e seus desempenhos nas aulas.

Entre conexões e [des]conexões

O que se destaca são coletivos, que vão se engajando, colaborando, participando e criando. Reconhece-se, assim, que todos os cidadãos podem ser autores, uma vez que podem criar, produzir e compartilhar bens imateriais, implicando novas regulamentações em torno das licenças de autor, o que possibilita a criação de grupos de mídias independentes que atuam ativamente na criação e conteúdo alternativo ao que surge nos grandes veículos, desenvolvendo estratégias bastante criativas para se conectar e expressar no contexto digital (JENKINS, FORD e GREEN, 2014).

Por outro lado, o fluxo digital da rede pode ser visto por dois lados: a rede amplia a liberdade de expressão, expande a capacidade de interação entre as pessoas, entretanto, ela também é uma rede cibernética de comunicação e controle. Ao mesmo tempo em que se constitui um repositório de informações jamais visto na história da humanidade, nunca fomos tão controlados (PRETTO, 2013, p. 41).

É cada vez mais notório hoje em dia que mudanças têm se dado no que se refere aos contatos entre pessoas dos mais diversos lugares. Estes se dão de forma instantânea, direta, muito por conta da difusão, em lugar das mídias tradicionais, das mídias atuais mais colaborativas (JENKINS, 2009; JENKINS; GREEN, FORD, 2014).

Trago então a noção de sociabilidades nômades, apropriando-me do conceito de Mafessoli (2010) e resignificando-o, para pensar as interações que se constituem para além de nossas salas de aula, que conectam nossos discentes através dos dispositivos tecnológicos digitais, buscando entender até que ponto interferem e modificam nossas relações de ensino e aprendizado, não mais restritas a espaços físicos, mas que transcendem e até mesmo extrapolam os limites geográficos, territoriais e temporais.

Como avalia Castells (2003, 2013, 2015) podemos considerar que, utilizando a metáfora da "galáxia", a internet é vista cada vez mais como o tecido de nossas vidas, tornando-se a base tecnológica para a forma organizacional da Era da Informação: a rede. A possibilidade de se alcançar um número maior de receptores é vista como fonte de esperança em um cenário de novas possibilidades de comunicação e construção de poder.

Lévy (1999, 2007, 2008) identifica que, com a fusão das telecomunicações, da imprensa, da edição, da televisão, do

cinema e dos jogos eletrônicos em uma indústria unificada da multimídia, podemos presenciar um aspecto do que se costuma designar por revolução digital. Em suma, o novo nomadismo que caracteriza e interfere nas relações sociais contemporâneas se refere a um espaço invisível de conhecimentos, saberes, potências de pensamento que transformam qualidades do ser e maneiras de constituir a sociedade.

John Urry (2007, 2010) analisa, a partir de uma perspectiva sociológica, como os novos avanços tecnológicos têm implicado novas maneiras de constituir e organizar identidades, através da possibilidade de viver experiências em vários espaços e tempos, consolidando o que denomina “Paradigma das Mobilidades” (ELLIOT e URRY, 2010). Os autores formulam um conceito que será central para esta pesquisa: “capital de rede”, definido como a capacidade de movimento em diversos ambientes, incluindo a habilidade, competência e interesse em usar telefones celulares, SMS, e-mail, internet, skype etc.; acesso amplo a informações e contatos; equipamentos de comunicação, dentre outros.

A mobilidade, tal como a entendem Elliot e Urry (2010), pode ser considerada um importante fenômeno da sociedade contemporânea. Trata-se de um elemento fundamental da vida cotidiana que se relaciona com a capacidade de experimentar a mobilidade reorganiza a vida social e define a sociedade contemporânea como uma sociedade que está permanentemente em movimento, e por isso deve ser analisada a partir do ponto de vista da experiência da circulação.

Para além de discussões que se antagonizam entre malefícios ou benefícios supostos pelas interações virtuais, interessa-me analisar a partir de trajetórias e contextos de alunos e alunas, como se dão suas relações com estes dispositivos, seus níveis de capital de rede e possibilidade de mobilidade e/ou imobilidade nesta lógica das redes. (URRY, 2000, 207, 2010).

Estabelecendo um diálogo que Elliot e Urry (2010) fazem com Zygmunt Bauman, percebo que há muitos pontos em comum entre a noção de *liquidez* generalizada discutida por Bauman e a concepção das mobilidades.

Bauman indica que é o grau de mobilidade, ou seja, é a liberdade para escolher onde estar, que estratifica seus membros (BAUMAN, 1999, p. 94). Isso equivale a afirmar que apesar da evolução tecnológica – seja no âmbito do transporte ou da informação –, a mobilidade física reflete e reforça as desigualdades sociais. O uso das diferentes tecnologias apresentam limites na medida em que ao mesmo tempo em que ela viabiliza a interação de pessoas instaladas nos mais diversos lugares do mundo, ela compromete os relacionamentos locais; ao mesmo tempo em que é possível ter contato com um número maior de pessoas, menos tempo é direcionado a cada uma (ADAMS, 2011), favorecendo a quantidade em detrimento da qualidade dos relacionamentos, favorecendo a frequência em detrimento da profundidade.

É o que Bauman (2009), atento aos aspectos questionáveis dos novos tipos de interações sociais, indica em sua obra “Vida Líquida”, referindo-se a esta como uma vida em condições de incerteza constante. São constantes reinícios que dificultam a perspectiva de projetos de vida baseados em projeções de longo prazo.

Em contraponto à visão de Bauman (2004, 2008, 2009), que opta por reagir de forma mais crítica à sociabilidade virtual, indicando a fragilidade dos laços humanos nestes começos de milênio, autoras como Nicolaci-da-Costa (2005) trazem pesquisas internacionais para afirmar que a telefonia fixa e a telefonia celular podem facultar diversos tipos de interação virtual que mantêm e muitas vezes intensificam relacionamentos reais. Já a Internet gera possibilidades diferentes. Em primeiro lugar, permite a ocorrência de interações virtuais passageiras entre desconhecidos que frequentam os ambientes de encontro nos quais (tal como em lugares de encontro “reais”) muitos podem interagir com muitos em busca de afinidades que possam transformar essas interações passageiras em relacionamentos. Os relacionamentos virtuais, portanto, podem ser definidos como o desenvolvimento a médio e longo prazo dessas afinidades estabelecidas *online* (sendo potencialmente tão duradouros quanto qualquer relacionamento “real”).

Em meio a este cenário, dispositivos tecnológicos, sobretudo os móveis, uma vastidão de possibilidades se abre diante de nós, sobretudo quando pensamos que hoje em dia, em nossas salas de aula, ao mesmo tempo em que estamos tratando de um tema específico de uma disciplina, nossos discentes podem naquele mesmo momento tanto verificar ou complementar as informações ao navegar em alguns sites, se “desconectar” da aula e se conectar com amigos e amigas em outras partes do mundo via redes sociais ou tudo isso ao mesmo tempo.

Relações global e local

Tendo este pano de fundo em vista, a partir de levantamento de pesquisas empíricas nacionais e internacionais que versam sobre a temática dos usos de dispositivos tecnológicos na educação, contatamos a relevância da discussão e o quanto ela vai sendo constantemente atualizada. No Brasil, são pesquisas em larga escala e relatórios produzidos para avaliar o quanto o uso de dispositivos digitais pode propiciar mudanças nas relações de ensino e aprendizagem, bem como as que identificam as possibilidades e impasses na inserção de tal cultura digital no contexto social e educacional de diversos grupos.

Internacionalmente, a UNESCO (2012, 2013) tem se dedicado a produzir estudos que se dedicam pensar políticas globais que orientam o que definem como uma aprendizagem “móvel”, referindo-se aos dispositivos digitais e como utilizá-los de modo a potencializar relações de ensino e aprendizagem.

Estudos e pesquisas internacionais têm se dedicado a perceber a interação entre os diferentes espaços educacionais e o potencial uso de tecnologias móveis nas relações de ensino e aprendizagem. Dentre estes podemos Briz-Ponce e Juanes-Méndez (2015), Carvalho (2012) tratando especificamente destes usos no ensino superior. Outros que envolvem uma temática mais ampla diferentes cursos como os de Brooks (2015), sobre faculdades e tecnologias da informação, Chang, Ghose e Littman-Quinn (2012), tratando de aprendizagem móvel por médicos residentes no Botswana, Dukic, Chiu e Lo (2015), enfocando percepções e práticas de estudantes de Biblioteconomia e Ciência da Informação de Hong Kong e Japão, além de Masika (2015), tratando dos usos de tecnologia de aprendizagem móvel entre estudantes de medicina do último ano no Quênia.

Há também a valiosa contribuição de Gikas e Grant (2013), que abordaram questões que muito serão caras nesta pesquisa, que são as perspectivas dos alunos sobre a aprendizagem com telefones celulares, smartphones e mídias sociais, focando os dispositivos de computação móvel no ensino superior. Destacam-se também as análises de Hutchins (2000), sobre novas formas de cognição possibilitadas pelas tecnologias.

Em termos de pesquisas nacionais, sobretudo as que tratam das apropriações de tecnologias móveis por parte de estudantes, podemos destacar alguns que se inserem em diversas áreas do conhecimento. Podemos encontrar pesquisas em larga escala, como a fornecida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2016), que mapeou o acesso à internet e à televisão, além da posse de telefone móvel celular para uso pessoal no ano de 2014.

Destacam-se pesquisas e levantamentos brasileiros como o da Agência Nacional de Telecomunicações (2015), a ricas fontes de dados apresentadas pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação

(CETIC.BR), desenvolvido sob os auspícios da UNESCO. Pesquisas como o uso de tecnologias em domicílios brasileiros (2015) e Marcos Globais sobre alfabetização midiática (2016), são somente alguns exemplos de como tem havido a preocupação com a formação e qualificação do debate sobre o uso de estatísticas na formulação e avaliação de políticas públicas e pesquisas acadêmicas, voltado principalmente para gestores públicos, pesquisadores e estatísticos envolvidos no planejamento, realização e uso de pesquisas tecnologias da informação e da comunicação¹¹.

Caminhos a serem percorridos...

Buscando apreender as diferentes dinâmicas do processo de pesquisa, atividades como revisão de literatura específica que já se encontram em andamento, bem como aplicação de questionários junto aos discentes. Este processo se seguirá com observações eventuais de aulas, realização de entrevistas (DUARTE, 2004; ZAGO, 2011) com os estudantes podendo se configurar em individuais, grupais ou narrativas (BAUER e GASKELL, 2007), dependendo da situação, semiestruturadas (gravadas e/ou filmadas).

Destaco aqui que os questionários e entrevistas são interpretados a partir de uma perspectiva da análise de conteúdo, conforme a apresentada por Bauer (2007). O autor ressalta que neste tipo de análise, vale levar em conta a frequência das palavras, sua ordenação, o vocabulário, os tipos de palavras e características gramaticais e estilísticas podem indicar vínculo com determinado autor e com um tipo provável de público. Entende-se que a “co-ocorrência frequente de palavras dentro da mesma frase ou parágrafo é tomada como indicador de sentidos associativos” (p.193), verificar tendências e padrões de mudanças, construir índices e auxiliar na comparação de padrões.

Com estas orientações em mente, esta pesquisa tem como público-alvo estudantes do curso da Universidade aqui investigada, considerando que muitos e muitas já são docentes, atuando em diferentes níveis de ensino. Desse modo, a pesquisa terá um primeiro momento que envolverá, dentre outros, o levantamento mais geral do perfil do alunado do curso, com dados quantitativos e qualitativos (faixa etária, sexo, moradia, relação trabalho e estudos, experiências docentes atuais e/ou anteriores...), permitindo possa buscar um grupo de alunos/as que seja uma amostra representativa dos estudantes da instituição.

O quadro a seguir nos permite fazer uma breve análise quantitativa do curso investigado, levando-se em conta a totalidade da Universidade:

QUADRO ANALÍTICO	Universidade
1) Número de alunos	Cerca de 30 mil
2) Número de alunos (Curso de Pedagogia)	1617
3) Número de professores do Curso	128
4) Horário do Curso	Matutino e noturno
5) Tempo de duração (em períodos)	8 períodos
6) Número de créditos	242
7) Número de disciplinas	Em torno de 65

A opção por estudantes que estejam cursando os primeiros períodos, o período intermediário e alunos/as concluintes do curso nos ajuda a perceber de que modo as tecnologias vão sendo apropriadas ou não ao longo da faculdade e se estas apropriações se revertem em aspectos positivos no que tange à formação discente para o uso das tecnologias nos processos de ensino e aprendizagem. A escolha estudantes de diferentes períodos, incluindo os primeiros, foi feita tendo como premissa o fato que, neste momento de chegada à vida universitária, o jovem ainda está pouco impregnado pelos cânones da vida acadêmica e, portanto, poderá dar respostas mais isentas de um peso valorativo que imagina ser importante na Universidade em períodos mais adiantados.

Na Universidade pesquisada, os estudantes de Pedagogia são, em sua grande maioria estudantes que conciliam estudo e trabalho, além de outras múltiplas funções. Os estudos fazem parte delas, não necessariamente sendo a prioridade muitas vezes por questões financeiras. Conciliar casa/trabalho/estudos nem sempre se constitui em tarefa das mais simples e conforme indica o estudo de Souza e Silva (2003), são diversos os fatores que contribuem para que uns e não outros, mesmo oriundos de camadas populares e condições análogas, possam se destacar e concluir seus estudos universitários. Como variáveis que se destacam, o autor sinaliza elementos como “competência cognitiva”, “inteligência institucional” que vai sendo adquirida ao longo do curso e saber “jogar as regras do jogo” do ambiente acadêmico, se apropriando das mesmas a seu favor.

A partir de informações produzidas na primeira etapa da pesquisa, serão desenvolvidas oficinas pedagógicas para o uso de tecnologias, que pretendem auxiliar os discentes a criarem suas próprias páginas no Facebook com conteúdos de interesses, compartilhando-os com os colegas. Como a ideia é que haja interação e trocas entre os discentes, serão organizados momentos, a serem definidos de acordo com a disponibilidade do grupo, para que cada aluno/a possa criar sua página no Facebook. A proposta é criar ali um espaço em que possam compartilhar e solicitar indicações de sites com notícias, matérias, vídeos, indicações de livros e artigos que tenham a ver com seus interesses de pesquisa. Será também um espaço fundamental de escrita autoral no qual os discentes se colocarão através de seus textos nas páginas individuais do Facebook e comentando nas dos/as colegas, a respeito de suas vivências sobre a vida acadêmica e disciplinas de interesse.

Criando links e tecendo experiências

Com base no material adquirido junto a alunos/as, algumas constatações podem ser bastante profícuas para os encaminhamentos futuros da pesquisa que se encontra em andamento. Foram questionários respondidos ou por envio do retorno online, via página do Facebook criada especificamente para este fim, ou através de encontros presenciais, nos quais se acompanhava o preenchimento do questionário pelos estudantes, visando tirar quaisquer dúvidas que tivessem. Este segundo recurso metodológico se mostrou mais eficaz, pois as questões tenderam a voltar com maior riqueza de detalhes na formulação das respostas. Os depoimentos coletados em questionários já aplicados com discentes do curso giraram em torno de temáticas como relação com as novas redes, aplicativos e programas de comunicação digitais; facilidades e dificuldades para o uso das novas tecnologias dentro e fora da Universidade; relação entre aceitação ou não dos docentes para com o uso das novas tecnologias em sala e fora dela e se sentiam falta de uma formação que estivesse mais integrada ao uso das novas tecnologias na Universidade. Alguns apontamentos se encaminharam para questões mais técnicas, como as da aluna R. de 21 anos, do quinto período:

[...] Acredito que as pessoas tenham o domínio das tecnologias, mas as dificuldades com a falta de conhecimento da estrutura local (no caso a estrutura do computador na Universidade) atrapalham o uso dos mesmos (R. 21 anos, 5. p.).

A aluna também apresentou propostas para um melhor uso dos dispositivos existentes:

A facilidade é que temos os equipamentos. As dificuldades são que estes equipamentos são de uso coletivo, e as pessoas acabam mexendo e as vezes mudando conexões ou configurações do sistema, e nós, sem saber dessas alterações acabamos perdendo tempo para utilizar as tecnologias a nossa disposição. Outra dificuldade é a conexão com a Internet. Temos vários Wi-fi, mas as senhas não são acessíveis por todos e isso, na minha opinião, atrapalha muito. Deve ser feita uma catalogação dos Wi-fi disponíveis com as suas respectivas senhas e entregue aos professores para que eles possam ter um acesso com maior facilidade (R. 21 anos, 5. p.).

Ao mesmo tempo em que são incluídos a partir do momento em que estão conectados/as nestas redes digitais, também podem se sentir, nos termos de Bourdieu e Champagne (1998), “excluídos do interior” da instituição, ao não dominarem os novos códigos demandados pela mesma. A aluna J. de 44 anos, cursando o sétimo período, relata ter muitas dificuldades para o uso das novas tecnologias na Universidade, sendo estas muito mais um elemento que lhe traz problemas. Sente falta de uma formação integrada aos dispositivos tecnológicos, chegando a afirmar: “Seria bem interessante e oportuno uma disciplina, uma eletiva que oportunizasse uma alfabetização digital”.

No que se refere à percepção da relação dos docentes em relação aos usos dos dispositivos tecnológicos, o grupo fez algumas sinalizações bastante relevantes. Por exemplo, a aluna R., de 21 anos, do quinto período, chega a utilizar o termo “aversão” para tratar desta relação: “Alguns professores vejo que tem aversão, mas a maioria adere ao uso das tecnologias [...]” (R. 21 anos, quinto período). A aluna A., 31 anos, do oitavo período, se expressa de forma um tanto quanto semelhante: “Acredito que boa parte dos docentes ainda resiste em usar as novas tecnologias em sala e fora da sala devido ao preconceito que existe sobre as novas tecnologias [...]” (A. 31 anos, oitavo período).

Uma das entrevistadas comenta que além das dificuldades técnicas, a relação também não é das mais simples. Ela indica que esta é

“[...] Difícil. Não temos acesso à internet para os alunos. Os computadores das salas não funcionam bem. E quando alguns alunos levam seus textos em PDF no tablet ou celular, alguns professores pedem que o mesmo guarde, e o aluno fica sem conseguir acompanhar a aula” (G. 22 anos, oitavo período).

Com base das análises discentes, pude perceber que por mais que os discentes se interessem por discutir e trazer estas novas formas de comunicação para suas salas de aula, persistem as resistências docentes ao uso dos dispositivos tecnológicos, em consonância com o que sinaliza Silva (2003). O autor constata a existência de um fenômeno que ele denomina “tecnofobia” (p.15), por parte de muitos/as docentes. O termo se refere à recusa a qualquer tecnologia de natureza elétrica ou eletrônica e o que ele também identifica como certo “mal-estar docente” (uma confusão frente ao variado conjunto de tecnologias atualmente disponíveis).

Com resistências e insistências, tanto por parte de professores/as e alunos/as, de diversas formas os dispositivos tecnológicos adentram em nossas Universidades. O que nos falta ainda talvez seja como negociar e integrar os potenciais criativos e inventivos tanto por parte dos dispositivos quanto de seus usuários. Com isto, novos processos de ensino e aprendizado tendem a se organizar, talvez (des)organizando práticas mais convencionais e nos fazendo repensar nossa atividade docente cotidianamente.

Para seguir criando novas conexões...

Levando em conta um novo tipo de letramento propiciado pelo advento da cibercultura (LÉVY, 1999), as tecnologias

podem ser responsáveis por (re)organizar as práticas sociais, acarretando uma série de consequências consideráveis para pensar a leitura e a escrita no âmbito pedagógico. No espaço universitário, podemos perceber a convergência destes diferentes protocolos de leitura e escrita, se traduzindo nas falas e vivências do alunado.

Ainda é forte a insistência, por grande parte do professorado, na existência de um divórcio entre, de um lado, instituições educacionais e, do outro, o mundo da televisão, cinema e outros passatempos audiovisuais. Essa visão antagonista vem sendo recolocada há vários anos, tanto nos estudos sobre cultura como nos que são feitos sobre comunicação (GARCÍA-CANCLINI, 2008). Os saberes e o imaginário contemporâneos não se organizam, faz pelo menos meio século, em torno de um eixo letrado, nem o livro é o único foco ordenador do conhecimento. Muitos relutam em traduzir essas mudanças no conceito de uma escola que admita a interação da leitura com a cultura oral e a audiovisual-eletrônica. Os processos de convergência digital estão articulando cada vez mais uma integração multimídia que permite ver e ouvir no celular, no Palm ou no Iphone, áudio, imagens de textos, vídeos... traduzindo-se em novos hábitos destes leitores, espectadores e internautas.

São estes hábitos que mesclam diferentes dispositivos, ressignificando-os em constante processo de rever práticas de ensino e aprendizado que a pesquisa se interessa por seguir investigando. Para que nossas instituições de ensino superior possam lidar de modo mais adequado com a relação entre um mundo conectado nesta aldeia global tecnológica e os diferentes níveis de apropriação e pertencimento em que seus estudantes se inserem.

Referências:

ADAMS, J.. *Hypermobility*. **Prospect**, Londres, mars 2000. Versão em francês disponível em: <www.worldcarfree.net/.../Hypermobility.rtf>. Acesso em 30 jan. 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. **Vida para o consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

_____. **Vida Líquida**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BAUER, M. ; GASKELL, G. (eds.). **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático** . 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin ; GASKELL, George (eds.). **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 189-217.

BONILLA; M. H. S. ; PRETTO, N. Política educativa e cultura digital: entre práticas escolares e práticas sociais. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 499 - 521, maio/ago. 2015.

_____. (orgs.). **Inclusão Digital**: polêmica contemporânea. Salvador: EDUFBA, 2011. V.2.

BOURDIEU, P. ; CHAMPAGNE, P. Os excluídos do interior. In: NOGUEIRA, M. A.; CATTANI, A. (org.). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 217-227.

BRIZ-PONCE, L., JUANES-MÉNDEZ, J. A. Mobile devices and apps, characteristics and current potential on learning. **Journal of Information Technology Research**. 2015, v.8, iss 4, pp.26-37. Disponível em <<http://www.igi-global.com/article/mobile-devices-and-apps-characteristics-and-current-potential-on-learning/145392>>. Acesso em 26 jan. 2017.

BÜSCHER, M. ; URRY, J. ; Witchger, K. **Mobile Methods**. London: Routledge, em 2011.

CASTELLS, M. **A sociedade em Rede**. Volume I. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

_____. **A galáxia da Internet**: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro, Zahar, 2003.

_____. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. **O poder da comunicação**. 1.ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

CARVALHO, V. M. M. G. **Expectativas dos estudantes adultos do ensino superior a distância sobre a utilização de dispositivos móveis para a aprendizagem**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Educacional Multimídia) – Universidade Aberta de Portugal. Lisboa, 2012. 153p.

CETIC.BR. Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC Domicílios 2015. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2016. Disponível em <<http://cetic.br/pesquisa/domicilios/publicacoes>>. Acesso em 30 jan. 2017.

CETIC.BR. **Marco de Avaliação Global da Alfabetização Midiática e Informacional (AMI): disposição e competências do país**. Brasília: UNESCO, Cetic.br, 2016. Disponível em: <http://cetic.br/media/docs/publicacoes/8/246398POR.pdf>. Acesso em 01 fev. 2017.

CHANG, A. Y., GHOSE, S., LITTMAN-QUINN R. et al. Use of mobile learning by resident physicians in Botswana. **Telemedicine Journal and e-Health**. 2012, v. 18(1), pp. 11-13. Disponível em <10.1089/tmj.2011.0050>. Acesso em 7 nov. 2016.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Revista Educar**, Curitiba, n. 24, pp. 213-225, 2004. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/er/n24/n24a11.pdf>>. Acesso em 29 jan. 2017.

DUKIC, Z.; CHIU, D.; LO, P. How useful are smartphones for learning? Perceptions and practices of Library and Information Science students from Hong Kong and Japan. **Library Hi Tech**. 2015, vol. 33, iss. 4, pp. 545-561.

ELLIOTT, A.; URRY, J. **Mobile Lives**. London: Routledge, 2010.

GARCÍA CANCLINI, N. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

GIKAS, J.; GRANT, M. M. Mobile computing devices in higher education: Student perspectives on learning with cellphones, smartphones and social media. **Internet and Higher Education**. 2013, v. 19, pp. 18-26. Disponível em

<<http://www.sciencedirect.com/science/journal/10967516/19>>. Acesso em 5 fev. 2017.

HUTCHINS, E. **Distributed cognition**, 2000. Disponível em <<http://files.meetup.com/410989/DistributedCognition.pdf>>. Acesso em 02 fev. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal: 2014**. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95753.pdf>>. Acesso em 30 ago. 2016.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. 2.ed. São Paulo: Aleph, 2009.

_____. ; FORD, S. ; GREEN, J. ; FORD, S. **Cultura da conexão**: criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2014.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. **A inteligência coletiva**. 5.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

_____. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2008, 15.a reimpressão.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 4.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

MASIKA, M. M. et al. Use of mobile learning technology among final year medical students in Kenya. **Pan-African Medical Journal**. 2015, June, pp. 1-12. Disponível em <10.11604/pamj.2015.21.127.6185>. Acesso em 7 jan. 2017.

Nicolaci-da-Costa, Ana Maria. Sociabilidade virtual: separando o joio do trigo. **Psicologia & Sociedade**; 17 (2): 50-57; mai/ago.2005.

PRIMO, Alex. Fases do desenvolvimento tecnológico e suas implicações nas formas de ser, conhecer, comunicar e produzir em sociedade. In: PRETTO, Nelson De Luca; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Além das redes de colaboração**: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. Salvador, BA: EDUFBA, 2008. p. 51- 68.

SILVA, E. T. (coord.). **A leitura nos oceanos da Internet**. São Paulo: Cortez, 2003.

SOUZA e SILVA, J. **“Por que uns e não outros”:** caminhada de jovens pobres para a universidade. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

UNESCO. 2013. UNESCO: **Policy guidelines for mobile learning**. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002196/219641E.pdf>>. Acesso em: 20 Jan. 2017.

UNESCO. 2012. Working Paper Series on Mobile Learning. **Turning on mobile learning: in Latina American**. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/en/unesco/themes/icts/m4ed/>> Acesso em: 17 Set. 2016.

URRY, J. **Mobilities**. Cambridge: Polity Press, 2007.

_____. **Sociology Beyond Societies. Mobilities for the twenty-first century**. London: Routledge, 2000.

ZAGO, N. **A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa**. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P.; VILELA, R. A. T. (orgs.). Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011. 309p.

[1] Fonte: <http://cetic.br/unesco/> (Acessado em 25 de jan de 2017).